



O DESBRAVADOR

ÓRGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"



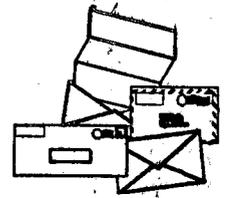
NOSSA SENHORA,
RAINHA DE TODOS OS SANTOS,
FAZEI DE NÓS GRANDES SANTOS

Deus está sempre pronto a ajudar-nos com a sua santa graça onipotente para nos santificarmos. Ele bate à porta de nosso coração para aí entrar a fim de enriquecê-lo e fazê-lo um santuário digno de sua Divina Majestade. Por Sua partê, está disposto a conceder a todo cristão aqueles meios escolhidos que elevaram os maiores santos da Igreja ao cume sublime da perfeição. Ele não faz distinção entre pessoa e pessoa e ama com amor infinito todos os homens, feitos à sua imagem e semelhança e remidos pelo Sangue Preciosíssimo de seu Divino Filho; e está pronto a santificar a cada um conquanto queira e corresponda aos suaves influxos de sua graça. Nós erramos de maneira crassa quando pensamos que Deus prefira esta ou aquela pessoa para fazê-la santa e que, entretanto, descuide dos outros cristãos, dando-lhes escassos auxílios. A culpa de não sermos santos é toda nossa por não quisermos vencer a natureza corrupta, subjugar as paixões rebeldes e observar fielmente a lei de Deus e da Igreja e as obrigações de nosso Estado. Nosso Senhor intima no seu Evangelho a todos os cristãos sem restrição, a se tornarem perfeitos como é perfeito o nosso Pai que está no Céu. Quando decidiremos a fazer-nos verdadeiramente santos? Quando nos persuadiremos que todos os santos da Igreja foram homens como nós, vestidos da mesma carne de pecado, combatidos pelas mesmas paixões, vivendo nos mesmos perigos? Quando seguiremos as pegadas dos santos? Temos necessidades de auxílios abundantes e de graças eficazes. Recorramos à oração. A oração é a chave de ouro que nos abre os tesouros do Céu, é a moeda com a qual se adquirem as alegrias do Paraíso. Deus prometeu ouvir a quem reza e conceder todas as graças necessárias para a salvação da alma. Para dar mais eficácia à oração é preciso acrescentar a esmola e o jejum ou mortificação.

Valham-nos os Sacramentos da Santa Igreja que são minas de ouro para a santificação dos homens.

Prezado leitor, em especial, reze a Nossa Senhora o terço todos os dias. Verá então maravilhas se operarem em sua alma.

Escrevem os Leitores



Eu morei em São Paulo muitos anos, mas há cerca de dois anos e meio me mudei para o extremo oeste do Paraná, onde constitui minha família e ingressei no curso de Filosofia no qual estou no 2º ano. Meu irmão adquiriu o endereço e-mail do Desbravador, o qual gostaríamos muito de assinar e, se possível, ajudar na divulgação. Aqui na cidade onde estou, me reuni com um grupo de jovens para estudarmos sobre religião, história, política e filosofia, e resolvemos fundar uma Associação cultural para mantermos a unidade e conseqüentemente um alinhamento de estudos. Penso que por hora já disse o suficiente e no aguardo de breves e boas notícias cordialmente despeço-me.

NILO BARRETO JÚNIOR
TOLEDO - PR

Gostaria de receber a revista "O Desbravador". Ela é muito útil e instrutiva.

RICARDO GUEDES DO NASCIMENTO
SÃO PAULO - SP

Gosto muito de vossa publicação, é muito útil para mim e para meu apostolado. Como mudei de endereço, pediria para me enviarem, se possível, para o novo.

DEVALCIR JOSÉ TIROLI
LONDRINA - PR

Sou leitora do Desbravador há muitos anos. Sou Professora de Religião há 13 anos e gostaria, se possível, continuar recebendo o jornal no endereço abaixo.

MADRE ANA CRISTINA DE ARAÚJO
SÃO LOURENÇO - MG

Sou seminarista e gostaria de receber a revista "O Desbravador". Foi lendo um dos assuntos que fiquei admirado com a qualidade dos relatos, que por sua vez só fizeram aumentar minha fé em Cristo Jesus."

CELSO F.ROCHA
SÃO PAULO - SP

Imprimimos
com

RIPAX
Premium
Quality
Paper LASER 75

O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO
PE. JOSÉ HENRIQUE DO CARMO
MOACIR ANDRADE DE PAULA

SUPERVISÃO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
GERALDO JOSÉ DE MATOS
JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO
PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA
REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS
RONILSON VERÍSSIMO
NILTON RODRIGUES DOS SANTOS
LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA
FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA
PATRICIA MIDÕES DE MATOS
MÁRIA DO CARMO MAZZI RUFINO
SHEFFERSON SANDER FERREIRA
MÁRIA PAULA BRANCO DE MATOS

EXPEDIÇÃO
JÓRGE HENRIQUE S. RIBEIRO
FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS
GERSON FERNANDES DOS SANTOS
ROGÉRIO VERÍSSIMO
MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

COMPOSIÇÃO
ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA
CAIXA POSTAL - 1525
01059 - 970 SÃO PAULO SP
e-mail - odesbravador@uol.com.br

Editorial

Há no mundo atual toda uma gama de pessoas: sábios, néscios, ricos, pobres, famosos, desconhecidos. De tantos tipos são hoje os seres humanos que alguém poderia pensar que para tudo temos pessoas indicadas. Doce ilusão.

Temos tantos tipos diversos, mas falta o principal. Faltam santos.

Sim, como faltam aqueles que amam a Deus corretamente e em um grau heróico.

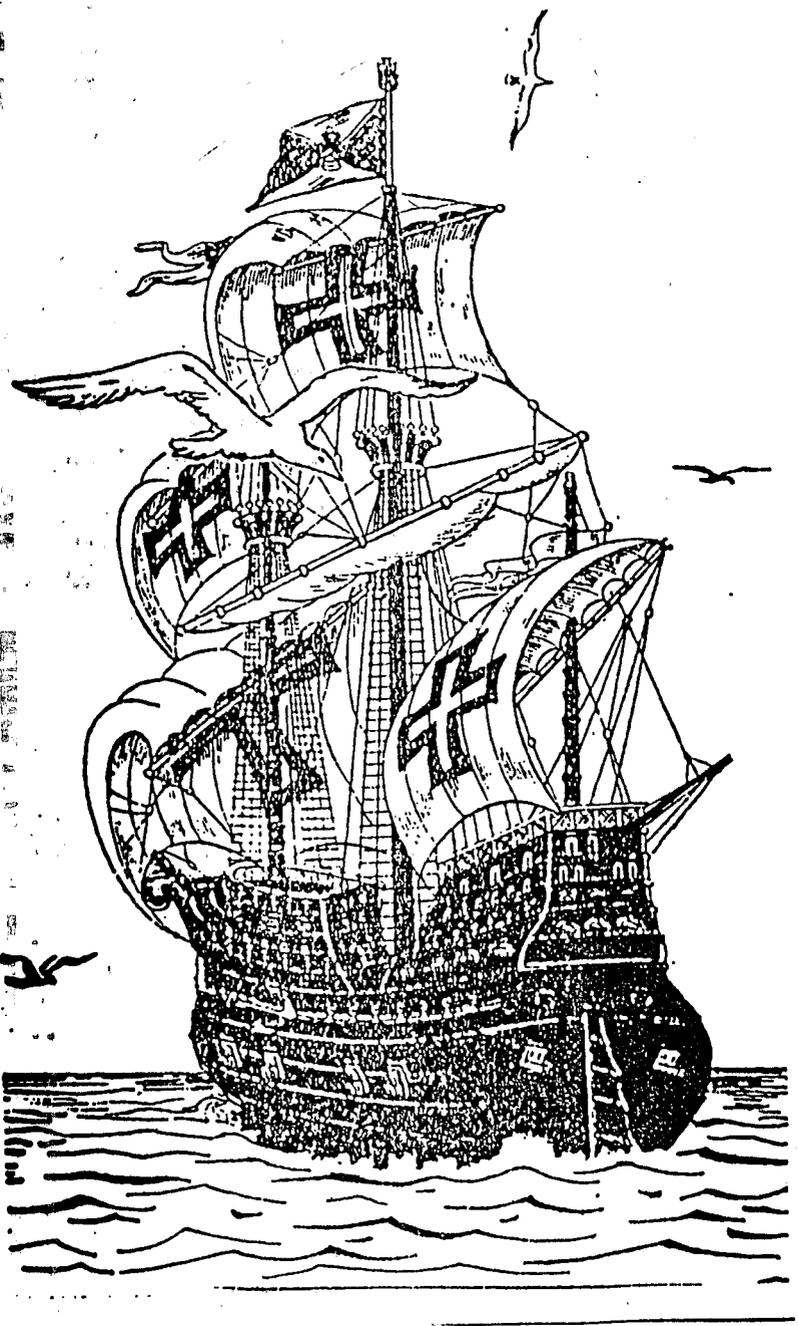
Como seria bom se em todas as situações tivéssemos santos. Jovens, velhos, pais e mães de família, médicos, advogados, professores, padres, Bispos, enfim tivéssemos santos nos mais variados estados de vida.

Todos nascem para ser santos, mas, via de regra, poucos trilham tão nobre caminho.

Mas, eu que escrevo, você que me lê, nascemos para ser santos e devemos sê-lo. Custe muito, isso não importa. Devemos lutar para ser santos.

A luta é árdua. O caminho pode ser longo. Mas começemos já. Não espere nem o fim desse texto. Dirijamo-nos à Rainha de todos os santos, Nossa Senhora e por meio de uma Ave-Maria, peçamos a Ela que nos dê a graça de querer ser santo, e todas as graças para isso conseguir.

Tão Boa Mãe não deixará de nos atender e peçamos para continuar na trilha da santidade e para continuar a pedir tais graças.



MENTIR? JAMAIS!

Nosso Senhor disse que o demônio é o pai da mentira. E, ao cabo dos tempos, os asseclas do diabo sempre foram grandes mentirosos.

Em uma época como a nossa em que os homens em sua grande maioria vivem como se Deus não existisse, a mentira é uma realidade presente na vida das pessoas.



Mente-se por mil pretextos: “segredos de negócios”, “interesses maiores”, “não se pode dizer sempre a verdade”, ou “uma mentirinha às vezes vai bem” e assim por diante.

Aqui queremos dizer que jamais em tempo algum se pode fazer um mal para alcançar um bem. Fins não justificam os meios.

Portanto, nada autoriza uma mentira por mais tênue ou pequena que seja. A verdade sempre deve prevalecer, doa a quem doer.



Aliás, lemos há muito tempo atrás que houve uma correta pessoa que disse que se fosse proposta a ela falar uma mentira para tirar todas as almas do inferno, ele não o faria, pois mentir sempre é pecado e acrescentava que se não falando essa mentira todos os anjos e santos seriam expulsos do paraíso, ele ainda não falaria a mentira, por menor que fosse.

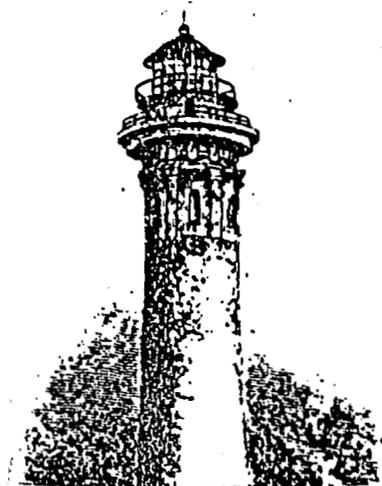
Lê-se na vida de Santo Inácio da Antioquia que quando foram prendê-lo, os guardas se apiedaram dele pela sua idade avançada e propuseram deixá-lo em paz e dizerem ao superior que não o tinham encontrado, mas o santo não concordou, pois então eles mentiriam. Sendo assim foi preso e condenado à morte. Por aí se vê como a mentira é má.

E dizer que há pessoas que mentem deslavadamente, na sua casa, no seu trabalho, nos tribunais. Em suma, mentem.



Por outro lado, como é bela a verdade! É límpida, é cristalina, é sublime. Às vezes, é difícil dizê-la, mas como é confortante dizê-la sempre.

Jamais mintamos, sejamos sempre verdadeiros e veremos como é maravilhoso agir assim.



EM QUE CONSISTE A SANTIDADE

Nós temos idéias exageradas a respeito da verdadeira santidade. Pensamos que consiste no operar grandes coisas, no empreender penitências austeríssimas, no jejuar rigorosamente, no viver uma vida triste e sem conforto. Mas, não: a verdadeira santidade consiste na prática exata dos mandamentos de Deus e da Igreja e no cumprimento das obrigações do nosso estado. Um cristão que executa à risca os deveres da sua condição, seja operário, seja camponês, artífice, rico ou pobre e que observa as leis de Deus e da Igreja, se santificará por certo. A perfeição está contida na esfera das operações ordinárias do dia e não devemos procurá-la fora dali, devaneando a pensar em outros estados melhores. Não é o hábito, lugar ou tempo que fazem os santos, mas o cumprir exatamente as ações comuns que se nos apresentam dia por dia, hora por hora.



O nosso engano é desejar um outro estado, julgando que lá poderemos nos santificar, mesmo que descuidemos de nos aperfeiçoar no estado ao qual Deus nos chamou.

“Oh! Se estivesse em tal mosteiro quão bem serviria a Deus! Oh! Se estivesse fora do mundo, quantas penitências não faria! Oh! Se tivesse talento e riquezas, quanta glória não daria a Deus e quantos serviços não prestaria à Igreja!”

Ilusões! Ilusões! O Senhor não vos deseja lá, mas neste estado em que vos

encontrais e ao qual vos chamou. Aqui deveis fazer-vos santos; aqui deveis agradar a sua Divina Majestade, com o exato cumprimento das vossas obrigações. É preciso refletir seriamente e rezar muito, antes de escolher um gênero de vida. Mas uma vez alcançado um estado, à luz divina, não se deve mais abandonar e devemos-nos persuadir que naquele e não em outro, sonhado em nossa fantasia ou pelo nosso capricho, far-nos-emos santos. S. Paulo exorta os cristãos a permanecer na vocação a que são chamados. Sois religioso? A santidade para vós consiste na prática exata das regras do instituto e na observância dos vossos votos. Um regular, que em toda a sua vida, segue fielmente as constituições da ordem ou congregação a que pertence, cingirá a aureola da santidade.



A vida de S. João Berchmans nada oferece de extraordinário, nada que exceda a vida comum, e ele foi a personificação das regras da Companhia de Jesus. Sois pais de família? Para vós a perfeição está na vossa casa mesma; e achá-la-eis no exercício do vosso ofício, no educar cristãmente os filhos, no temor de Deus e na devoção a Maria SS., no amar a vossa consorte e viver em paz com ela, na prática dos deveres de um bom cristão. Não penseis que para tornar-vos santos, haja de mister abandonar mulher e filhos e homiziar-vos num deserto a fazer penitência: não. A perfeição está intimamente unida ao exato desempenho das vossas obrigações de pai. Sois mãe de família? Far-vos-eis santa obedecendo ao vosso marido, dando sã educação à prole e

cumprindo com esmero todos os deveres impostos pelo estado em que viveis. O santuário doméstico será para vós um mosteiro, um deserto de paz em que podeis achar a Deus e agradar-lhe como uma virgem no claustro, ou o Sumo Pontífice em seu trono, ou um monarca em seu paço dourado.

Vede o que acontece no teatro? Quem recebe os aplausos da multidão não é o ator que representa a pessoa do rei ou do príncipe; mas o que desempenha fielmente o seu papel, seja de camponês, seja de pobre operário; e acontece muita vezes que o monarca cênico faz fiasco, ao passo que é aplaudido o súdito. Assim sucede na vida.

Deus ama e aplaude a quem cumpre exatamente o seu ofício sem distinção de pessoas; e o humilde ferreiro de mãos calejadas, que vive cristãmente, é mais querido a Deus do que os reis coroados de diadema e vestidos de púrpura, que espezinham a sua lei.

A santidade é própria de todos os estados e consiste no exato cumprimento das obrigações da própria condição. Quando nos persuadiremos desta verdade e quando envidaremos todos os esforços para procurar a perfeição em nossas ações cotidianas?



“Mas que gente esquisita”

“Mas que gente esquisita”, dizia o jovem para o seu amigo. E continuava: “sabe mano, eu estive na casa deles fazendo uma entrega e lá dentro tinha uma imagem de Nossa Senhora com o terço na mão e um quadro do Coração de Jesus”.

“Cara, os meninos não falam palavrão. Na escola não se misturam com quem é chegado nas drogas, não falam besteiras”. “E as meninas só andam de saia, não usam decote e não querem conversa com os manos”.

E acrescentava: “Mano, eles rezam antes das refeições, rezam o terço em conjunto e, todo domingo, vão à missa, e para isso tomam duas conduções. E a missa é em latim e o padre reza de costas”, “sabe eles não brigam entre si, tomam as refeições juntos, não assistem televisão. Não gostam de música barulhenta. Chegam ao cúmulo de só saírem de casa em duplas”.

O amigo continuava ouvindo em silêncio e nada perguntava.

O falante voltava à conversa, mas antes falou de sua casa. Disse que seu pai não morava mais em casa, pois se separara de sua mãe, a mãe por sua vez, vivia alcoolizada e seu irmão fora preso por portar drogas. Sua irmã de 14 anos estava grávida e ele desempregado.

Mas adicionava: “mas nós não somos esquisitos. Nós seguimos a onda. Somos da hora”.

“Mas que essa gente é esquisita, isso é!”.

Depois de tanto ouvir, o amigo falou: “olha, como eu gostaria que a minha família fosse esquisita assim e também todas as famílias do mundo. Tenho certeza que o mundo seria melhor”.



O JOVEM CARLOS MORRE... CHAMANDO D. BOSCO

Um menino que contava cerca de quinze anos, chamado Carlos, o qual costumava freqüentar o Oratório de São Francisco de Sales, caiu gravemente enfermo e em poucos dias se encontrou às portas da eternidade. Morava em um albergue e era filho do hospedeiro. Vendo-o em perigo, o médico aconselhou aos pais que o convidassem a se confessar. Todos chorosos perguntaram ao filho qual padre queria que lhe chamassem. Carlos mostrou grande desejo de que chamassem o seu confessor ordinário, que era D.Bosco. Foram logo à sua procura, mas com grande desprazer foi-lhes respondido que estava fora de Turim. O menino deixava transparecer uma grande amargura e pediu o vice-pároco o qual sem mais foi ter com ele. Um dia e meio depois, morria, pedindo freqüentes vezes para falar com D.Bosco.

Qual nada, ele dorme...

Apenas D.Bosco voltou, comunicaram-lhe que havia sido procurado amiudadas vezes para aquele menino que bem conhecia, que se achava em perigo de vida, o qual o pedira insistentemente. Ele apressou-se em ir visitá-lo, se, dizia, estivesse ainda em tempo. Chegando lá encontrou por primeiro um camareiro ao qual logo pediu notícias do enfermo.

- Chegou muito tarde, disse-lhe; faleceu já faz um meio dia.

Mas D.Bosco, sorrindo.

- Qual nada. Dorme e pensais que esteja morto!

O criado fitou-o estupefato e com ar irônico. Mas D.Bosco, quase brincando replicou-lhe:

- Queres apostar uma garrafa que não morreu?

Entrementes os demais da casa que haviam chegado a estas suas últimas palavras desatam em choro copioso, afirmando que infelizmente Carlos já não existia.

- Permite-me ir vê-lo. – Ele então: - Devo acreditar? Deixe-me ir vê-lo.

Foi logo conduzido ao quarto onde estavam a mãe e a tia rezando junto ao extinto. O cadáver amortalhado para o enterro, estava envolvido por um lençol costurado, como se usava então e coberto por um véu. Perto da cama estava uma candeia acesa.

Quem sabe se fez bem sua última confissão?

D.Bosco achegou-se pensando; “Quem sabe se fez bem sua última confissão? Quem sabe que destino terá tido sua alma?”

E voltando-se para quem o havia introduzido, disse: - Retirai-vos; deixai-me só.

Carlos, Carlos, levanta-te. – Fazendo a seguir, breve, mas fervorosa oração, benzeu e chamou por duas vezes o menino em tom imperativo: - Carlos, Carlos, levanta-te. Àquela voz o morto começou a se mover.

D.Bosco escondeu logo a luz e com forte arranco de ambas as mãos descoseu a mortalha para o menino ficar livre e lhe descobriu o rosto.

Como se acordasse de um profundo sono, abre os olhos, gira-os em torno, levanta-se um pouco e diz: - Oh! Como é que me encontro assim? Depois se volta, fixa o olhar em D.Bosco e mal o reconhece, exclama: - Oh! D.Bosco. Oh! Se soubesse. Suspirei muito pelo Senhor. O Senhor mesmo é que procurava... Estou precisando muito do Senhor... Foi Deus que o mandou... Fez muito bem em vir acordar-me!

Devia estar num lugar de condenação...

- Dize, pois o que desejas. Estou aqui por tua causa. E o jovenzinho prosseguiu:

- Oh! D.Bosco, eu devia estar num lugar de condenação. A última vez que me confessei

não tive coragem de manifestar um pecado cometido há algumas semanas... Foi um mau companheiro com suas más conversas...

Tive um sonho que me espantou muito. Sonhei que estava à borda de uma imensa fornalha e fugia de uma caterva de demônios que me perseguiram e queriam agarrar-me. Estavam a ponto de se arrojarem sobre mim e precipitar-me naquele fogo, quando uma Senhora se interpôs entre mim e aqueles animais, dizendo:

- “Esperai, não está ainda julgado”. Após algum tempo ouvi a sua voz e acordei. E agora desejo confessar-me.

D.Bosco salva-me do inferno!

- A mãe já antes espantada por aquele espetáculo e fora de si, a um aceno de D.Bosco saíra com a tia do quarto e fora chamar os outros da casa. O pobre menino, encorajado a não ter mais medo dos monstros, começou logo sua confissão com sinais de verdadeira dor. Enquanto D.Bosco o absolvía, reentrava a mãe com as pessoas da casa, que assim puderam ser testemunhas do fato. O filho voltando-se para a mãe exclamou: - D.Bosco, salva-me do inferno!

Recomende a sinceridade na confissão.

- Assim ficou cerca de duas horas, inteiramente senhor de si; mas durante todo esse tempo conquanto se movesse, olhasse, falasse, o corpo permaneceu-lhe gélido como antes de acordar. Entre outras coisas disse a D.Bosco que recomendasse a sinceridade na confissão. D.Bosco, por fim, lhe perguntou:

- Agora estás na graça de Deus. O céu está aberto para ti. Queres subir para as alturas ou ficar aqui conosco?

Ele respondeu: - Desejo ir para o céu.

- Então, adeus, até o paraíso!

Carlos deixou cair a cabeça sobre o travesseiro, fechou os olhos, ficou imóvel e adormeceu de novo, no Senhor.



Um santo entre os campônios: **SANTO ISIDORO**

Isidoro se santificou na humilde condição de agricultor, trabalhando nos campos e banhando os sulcos da terra com o suor. Nasceu em Madri, capital da Espanha, no ano de 1100, de pobres genitores, os quais o educaram no santo temor de Deus, ensinando-lhe o ofício de camponês. Foi posto a serviço de um senhor madrilense chamado João Vergas, o qual lhe confiou a cultura de suas terras. Levantava-se muito cedo para ouvir a Santa Missa e praticar as suas devoções; e era sempre pontual à hora do trabalho. Sentiu um terno amor para com a gloriosa Rainha dos Anjos, e andando pela estrada ou trabalhando nos campos



recitava a Saudação Angélica com gosto particular. Alguns invejosos, instigados pelo demônio, não deixaram de criticar a sua piedade e contaram ao patrão que Isidoro perdia o tempo nas Igrejas, deixando o serviço do campo. O crédulo patrão foi um dia observar o procedimento de Isidoro, quando este trabalhava, para reprová-lo acerbamente e constatar a sua negligência. Mas qual não foi a sua maravilha quando viu, ao lado de Isidoro, dois arados puxados por possantes bois que trabalhavam com ele! Apressou o passo; mas os arados e os bois desapareceram. Interrogou ao servo de Deus de quem eram aqueles arados e aqueles bois e porque haviam desaparecido ao se aproximar. “Eu não tenho, respondeu o Santo, outro auxílio que o de Deus; eu o invoco no princípio de minha fadiga e não o perco de vista em todo o decorrer do dia.”

Compreendeu o patrão o significado da visão e como era caro a Deus o seu servo; e constatou com os próprios olhos, que na circunvizinhança não havia terreno tão bem cultivado como o seu.

Uma presença de Deus tão contínua elevou o Santo a uma sublime contemplação que não podia ser perturbado por nenhum trabalho. Estava um dia rezando na Igreja de Santa Maria Madalena, quando foi avisado de ir súbito socorrer um jumento assaltado por um lobo. Ele continuou

calmamente as suas orações, recomendando aquele serviço ao Senhor, e terminadas as suas devoções, voltou ao campo, onde encontrou o jumento que pastava tranqüilo e o lobo morto a seus pés. A virtude predileta de Isidoro era a caridade para com os pobres, nos quais via a pessoa de Jesus Cristo. Pobre, também ele, que ganhava o pão cotidiano com o suor de sua fronte, sabia achar modo de dar abundantes esmolas. Tendo um dia distribuído quanto tinha, apresentou-se pouco depois um outro pobre, suplicando por amor de Deus uma esmola. Cheio de confiança na Providência, Isidoro voltou à casa e a encontrou milagrosamente cheia de mantimentos, com os quais pode ajudar não só aquele mísero, mas outros muitos. Vendo as criaturas na luz divina, as considerava todas como irmãos e irmãs, filhos do mesmo Pai que está nos Céus. Indo

um dia ao moinho com um saco de grãos, quando a campina estava vestida de branco manto de neve, viu um bando de azevitas semimortas pelo frio e pela fome. Compadeceu-se delas, pôs o saco no chão, abriu-o tirou um punhado de grãos e atirou-lhes dizendo: "Tomai, meus caros pássaros, que o bom Deus provê a todos." Um amigo que o acompanhava riu de sua simplicidade; mas chegado ao moinho viu que o saco não diminuía, mas estava mais cheio do que antes.

Passou o resto de seus dias sempre confundido com os pobres agricultores e trabalhando no campo. Consumado pelos ardores da caridade voou ao eterno amplexo de Deus em 1160, na idade de 60 anos. O Céu circundou logo o humilde filho dos campos com o esplendor dos milagres e o tornou caro e venerado em toda a Espanha.



A glória dos monarcas desce com eles ao túmulo, mas a dos santos começa com a morte e dura a eternidade. Depois de 40 anos apareceu a um pobre homem, ordenando-lhe que fizesse transportar o seu corpo do cemitério para a Igreja. Mas ele, por medo ou falta de confiança descuidou da ordem e foi castigado com uma doença. Apareceu uma segunda vez a uma senhora, a qual foi logo tratar disso com o clero e magistrados e foi organizada uma solene procissão ao sepulcro. Ao primeiro golpe dado para desenterrar aquele bendito cadáver, todos os sinos da Igreja de santo André tocaram por si mesmos e só pararam depois de terminada a cerimônia.

O corpo foi achado fresco e incorrupto, exalando uma fragrância de Paraíso, sendo envolvido em panos preciosos, fechado num caixão novo e transportado solenemente para a dita Igreja, onde se mantém sempre inteiro e corado, resistente à corrupção. Durante a solene cerimônia, aquele pobre homem caído enfermo por ter desobedecido à ordem, readquiriu perfeita saúde. No ano de 1619 foi declarado Beato pelo Sumo Pontífice Paulo V. O monarca

da Espanha, Filipe III caiu gravemente enfermo e desenganado pelos médicos recorreu à proteção de Isidoro e fez levar as suas relíquias ao palácio. Admirável prodígio! No momento em que foi erguida a tampa do caixão do Santo, o Rei adquiriu perfeita saúde. Foi levado, em triunfo a Madri, o corpo do santo e no ano seguinte foi posto numa urna mais bela e mais rica. Finalmente a instâncias de Filipe IV no ano de 1622 foi incluído no número dos Santos por Gregorio XV e declarado protetor da Espanha e sobretudo da Capital. Assim Deus honrava o humilde agricultor fiel à sua santa lei e aos deveres de seu estado.

Santo Isidoro agricultor é uma prova do que afirmamos, isto é, que a santidade é fácil a toda condição de pessoas e está consiste na prática exata das obrigações da própria situação social. Deus pode ser amado e servido tanto entre os quatro muros de um claustro ou num deserto, quanto no humilde tugúrio e entre os sulcos dos campos. Não é o hábito, o lugar ou o tempo que nos fazem caros a Deus e perfeitos nas virtudes; mas a prática constante dos mandamentos da lei divina e eclesiástica e dos deveres particulares impostos pelo estado de cada um.

Querer é poder e quem quer se faz santo com o auxílio da graça que sempre está pronta a revigorar-nos.



SÃO FRANCISCO DE SALES NA CONFISSÃO

A propósito da estima que o confessor tem ao seu penitente, contar-vos-ei dois fatos acontecidos a São Francisco de Sales.

1º) Um dia um seu penitente após haver confessado todas as desordens de sua juventude, disse ao santo Bispo que lhe dava os avisos necessários com grande efusão de afetos: - Vós sem dúvida me falais desse modo por compaixão, mas lá no íntimo de vossa alma deve ter-me grande desprezo.

- Seria bem culpado – respondeu São Francisco, se depois de uma confissão tão bem feita vos considerasse ainda um pecador, antes vos vejo mais branco que a neve, semelhante a Naamã ao sair do Jordão. Amo-vos, meu filho, visto que meu ministério vos fez renascer para a graça: tenho para convosco estima semelhante ao afeto que vos consagro, vendo que de vaso de ignomínia que éreis, vos tornastes vaso de honra e de santidade. Oh! Como me é caro vosso coração, agora que ama a Deus deveras.



2º) Interrogado mais ou menos na mesma forma por uma penitente, que lhe havia feito a confissão de muitos pecados, respondeu:

- Vós agora sois para mim uma santa.

- Todavia – retrucou ela – vossa consciência vos há de dizer o contrário.

- Não – replicou logo – falo-vos segundo minha consciência; antes de vossa confissão sabia muitas coisas desagradáveis a vosso respeito que são divulgadas por toda parte e sofria por isso, seja por causa da

ofensa de Deus, seja pela vossa mesma reputação; mas agora sei com que responder a tudo o que se disser contra vós. Direi que sois uma santa e falarei verdade.

- Mas, meu Padre, o passado permanece sempre verdadeiro.

- Absolutamente não, porque se os homens vos julgarem, como o fariseu julgou a Madalena depois de sua conversão, tereis Jesus Cristo e vossa consciência para vos defenderem.

- Mas, afinal, meu Padre; vós mesmo que pensais do meu passado?

- Asseguro-vos que não penso nada, pois, como quereis que meu pensamento se detenha a considerar o que nada mais é, diante de Deus? Não pensarei senão em louvar a Nosso Senhor e em celebrar a festa de vossa conversão. Oh! Sim, quero celebrar esta bela festa com os Anjos do céu, que se rejubilam pela mudança do vosso coração.

- E como ao dizer isto tinha as faces banhadas de lágrimas, disse-lhe a penitente:

- Vós, sem dúvida, chorais por causa de minha vida abominável.

- Oh! Não – respondeu o santo – choro de alegria pela vossa ressurreição para a vida da graça.

Entendestes, meus bons leitores? Todavia, se mesmo depois dessas razões não vos sentísseis com forças de abrir-vos inteiramente ao confessor, antes que fazer um sacrilégio, mudai-o e procurai outro!



Os bons devem ser melhores

Quando examinamos a História, vemos um contínuo conflito entre o Bem e o mal. Uma luta perene entre Luz e trevas.

E duas coisas ficam patentes: como os maus são unidos, como esquecem suas picuinhas em prol do objetivo comum. Por outro lado, infelizmente, observamos do lado dos bons, desuniões, picuinhas, incompreensões mútuas, *qui pro quod*, ataques pessoais. Atitudes, enfim, que não condizem com o bem.

É triste esse quadro. Quanto bem não é feito por causa de misérias, quanto mal não se evita, por falta de virtude. E, com isso, o mal lucra.

Para mudar esse panorama, só há uma saída: os bons serem santos. Já houve quem disse que “os maus não são bons, porque os bons não são melhores”. Não posso afirmar que tal frase tenha um alcance absoluto, mas ela reflete uma verdade: os bons têm de ser melhores, têm de deixar de lado suas vaidades, seus anseios pessoais, suas esquisitices, seus dizeres impróprios, seus defeitos. Em resumo, têm de ser santos.

E para ser santo é preciso colocar a glória de Deus e a salvação das almas em primeiro lugar. Ou se age assim, ou se dá ao inimigo uma enorme oportunidade de os maus dizerem que os bons são hipócritas, que não vivem o que dizem, etc.

Sim, se somos cristãos, devemos antes, de mais nada viver como Cristo viveu, seguir em nossas vidas o que Ele ensinou.



COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ◆ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ◆ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para dar um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ◆ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, “O Desbravador” deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ◆ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP

BRADESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

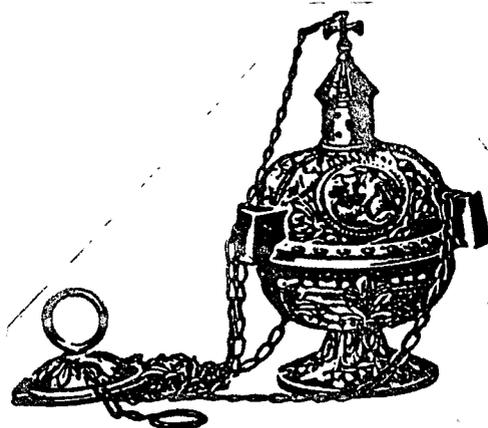
UMA FLOR DO JARDIM FRANCISCANO

SANTA JACINTA MARESCOTTI

Nós costumamos imaginar que os santos são seres extraordinários desde o berço e que, por graça especial, jamais tenham perdido a inocência batismal, jamais tenham sentido as rebeliões das más paixões e que certamente não tenham experimentado o maior dos combates, quero dizer a luta contra os inveterados hábitos pecaminosos. Ou se tal não é o caso, cremos que sejam pessoas em favor das quais Deus interveio de modo extraordinário, como a São Paulo e por isso pensamos que nós não estamos no caso de nos tornarmos santos e que a perfeição não esteja ao nosso alcance. Antes, o pensamento da santidade perece-nos efeito de soberba e o afastamento da mente como de uma vangloria. Nada de mais falso. Os santos foram homens como nós, vestidos da mesma carne rebelde; como nós cheios de más inclinações e fizeram-se tais porque quiseram firmemente e corresponderam com fidelidade à graça, o que qualquer um pode fazer.



Jacinta era uma nobre romana, filha do Conde Marcos Antonio Marescotti e de Otávia Orsina. Passou a sua juventude em frivolidades mundanas, procurando aparecer perante os homens. Os pais a colocaram num mosteiro, afim de que fosse educada e instruída, mas a tola passou o tempo em enfeitar-se e divertir-se. Por ter a sua irmã achado casamento e ela não, encheu-se de indignação e inveja e tornou-se insuportável à família e a todos os mais chegados.



Então Deus lhe mandou uma grave enfermidade, que a reduziu a um estado de fazer temer pela sua vida. Fez chamar o confessor do convento, que era um venerando frade franciscano, para preparar-se para a morte, que parecia não muito distante. Mas quando o servo de Deus viu o luxo e a mobília magnífica de seu quarto, recusou-se a ouvir a sua confissão, dizendo que o paraíso não foi feito para uma freira tão degenerada e escandalosa. “Como, respondeu ela soluçando, e não me salvarei, então?” Respondeu-lhe que o único meio que lhe restava era pedir perdão a Deus, reparar o escândalo dado e começar uma nova vida. Jacinta estava decidida a se santificar a qualquer custo.



Assim que pôde, desceu ao refeitório, quando estava reunida toda a comunidade, prostrou-se ante as freiras e pediu-lhes humildemente perdão pelos escândalos dados. Entregou todos os seus objetos de vaidade à superiora, saiu daquela rica sala e começou uma vida pobre, humilde e obediente. Em pouco tempo tornou-se o modelo do mosteiro e voou sobre todas as irmãs como águia, pela penitência, oração, amor aos desprezos e observância exata das regras. Deveu, por certo, lutar contra os seus hábitos passados, desenvolver uma grandíssima energia de vontade, vencer as inclinações até então condescendidas, espezinhar o grito de sua natureza delicada; mas ajudada pela graça triunfou. Quis firmemente fazer-se santa e fez-se. Morreu consumada pelos ardores da caridade em 1640; com 55 anos de idade, e foi por Bento XIII inscrita no número das beatas e Pio VII a declarou santa.

Este exemplo luminoso conforta a nossa fraqueza e diz-nos claramente que podemos tornar-nos santos em qualquer tempo da nossa vida, conquanto o queiramos e sigamos os impulsos da graça, que bate continuamente ao nosso coração para ali entrar. É preciso querer constantemente empregar os meios com perseverança e seguir as inspirações divinas com fidelidade, e então chegaremos à perfeição.



O INFERNO EXISTE (I)

A revelação Divina Demonstra a Existência do Inferno

Não há verdade tão inculcada na Sagrada Escritura como a da existência do inferno. Escritores inspirados falam dele continuamente, para que os homens, horrorizados com as penas que aí se sofrem, abandonem o vício e se dêem à prática da virtude.

Os protestantes, que de nossa santa religião negaram quase todas as verdades mais difíceis de crer e praticar, não souberam desfazer-se do dogma do inferno, pelo fato de ser freqüentemente recordado nas Sagradas Letras. Por este motivo, uma senhora católica, importunada por dois ministros protestantes a passar para a "reforma", saiu-se com esta sensata resposta: "Senhores, fizestes na verdade uma "bela" reforma, suprimistes o jejum, a confissão, o purgatório; infelizmente, porém, conservastes o inferno".



Para não multiplicarmos as citações, deixaremos o Antigo Testamento e viremos logo ao Evangelho, para ouvir a palavra de Jesus Cristo, que por bem quinze vezes proclama este lugar de tormentos. E para causar em nós um temor salutar e dar-nos uma idéia justa do inferno, Ele o chama fogo inextinguível, trevas exteriores, onde haverá pranto e ranger de dentes, lugar de tormentos, fôrnelha de fogo, geena de fogo.

A geena era um vale perto de Jerusalém, onde alguns maldosos hebreus, apóstatas de sua religião, sacrificavam a Moloc os tenros filhos, expondo-os antes ao fogo. O piedoso rei Josias, para abolir esse bárbaro costume, fez aterrar o vale, ordenando que se lançasse aí a imundície da cidade e os cadáveres aos quais fosse negada sepultura; e como medida profilática, conservava-se sempre aceso o fogo. O nosso Divino Salvador, para tornar mais sensível a idéia do inferno, tomou a imagem desse vale, que os hebreus abominavam, dando-lhe precisamente o nome de geena.

Na parábola do rico epulão, tão fecunda de ensinamentos, e que é tão importuna aos ricos gozadores do mundo, Jesus nos ensinou que o mau uso das riquezas conduz inevitavelmente ao inferno, enquanto as dificuldades e as privações suportadas por amor de Deus levam ao lugar de eterna felicidade.

"Havia um homem rico, que se vestia de púrpura e de linho, e que todos os dias se banqueteava esplendidamente. Havia também um mendigo, chamado Lázaro, o qual, coberto de chagas, estava deitado à sua porta, desejando saciar-se com as migalhas que caíam da mesa do rico, e ninguém lhas dava; mas os cães vinham lambê-lhe as chagas.

"Ora sucedeu morrer o mendigo, e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico, e foi sepultado no inferno. E, quando estava nos tormentos, levantando os olhos, viu ao longe Abraão, e Lázaro no seu seio; e, gritando, disse: Pai Abraão compadece-te de mim, e manda a Lázaro que molhe em água a ponta do dedo, para refrescar a minha língua, pois sou atormentado nesta chama. E Abraão disse-lhe: Filho lembra-te que recebeste os bens em tua vida, e Lázaro, ao contrário, males; por isso ele é agora consolado e tu és atormentado. E, além disso, há entre nós e vós um grande abismo; de maneira que os que querem passar daqui para vós, não podem, nem os de aí passar para cá. E disse: Rogo-te, pois, ó Pai que o mandes a casa de meu pai. Pois tenho cinco irmãos, para que os advirta disto e não suceda virem também eles parar a este lugar de tormentos. E Abraão disse-lhe: Têm Moisés e os profetas; ouçam-nos. Ele, porém, disse: Não. Pai Abraão, mas, se algum dos mortos for ter com eles, farão penitência. E ele disse-lhe: Se não ouvem a Moisés e aos profetas, tão pouco acreditarão ainda que ressuscitasse algum dos mortos". (S. Lucas, XVI, 19-31).

Eis aí descrita com vivas cores aquele reino de dor, onde um fogo abrasador e horrível atormentará sem um instante de trégua o mísero condenado: uma gota, só uma gota de água pedia o epulão para mitigar os ardores insuportáveis da sede, e essa gota foi-lhe negada sem dó! Ai! Quem de vós, brada aos ímpios o Profeta Isaías, cheio de espanto, quem de vós poderá habitar nesse fogo devorador? Nesses ardores sempiternos?

Ao final da parábola, acena-se à repugnante incredulidade de tantos infelizes que vivem engolfados nos vícios, não fazendo caso das verdades eternas, nas quais não criam nem mesmo se aparecesse algum réprobo para lhes atestar a existência do inferno. Qual não será o seu desespero ao verem-se um dia sepultados naquele abismo de tormentos, sem a mínima esperança de saírem de lá?

Alhures, Jesus Cristo descreve o juízo universal que ele fará no fim do mundo, e a sentença de eterna condenação que pronunciará contra aqueles que não praticarem as obras de misericórdia para com os irmãos, e que serão precipitados no fogo inextinguível, preparado para o demônio e seus sequazes. Quanto temor não causa à alma a consideração deste trecho do

demônio e seus sequazes. Quanto temor não causa à alma a consideração deste trecho do Evangelho! Ah! Se os libertinos, que negam com tanto atrevimento a vida futura, refletissem um pouco, certamente mudariam de vida! Fruto desta meditação foi aquela poesia tão sublime do "Dies irae", que é o gemido de uma alma toda compenetrada do terror do juízo divino e da sorte eterna que a espera depois.

"Quando vier o Filho do homem na sua majestade, e todos os anjos com Ele, então se sentará sobre o tronó da sua majestade, e serão todas as gentes congregadas diante dele, e separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. E porá as ovelhas à sua direita, e os cabritos à esquerda.

"Então o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo; porque tive fome, e destes-me de comer; tive sede, e destes-me de beber; era peregrino, e recolhestes-me; nu, e me vestistes; enfermo, e me visitastes; estava no cárcere e fostes visitar-me. Então lhes responderão os justos, dizendo: Senhor, quando é que nós te vimos faminto, e te demos de comer; sequioso, e te demos de beber? E quando te vimos peregrino, e te recolhemos, nu, e te vestimos? Ou quando te vimos enfermo, ou no cárcere e fomos visitar-te? E, respondendo o Rei, lhes dirá: Na verdade vos digo que todas as vezes que vós fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes. Então dirá também aos que estiverem à esquerda: Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que foi preparado para o demônio e para os seus anjos; porque tive fome, e não me destes de comer; tive sede, e não me destes de beber; era peregrino, e não me recolhestes; nu, e não me vestistes; enfermo e no cárcere, e não me visitastes. Então eles também lhes responderão, dizendo: Senhor, quando é que nós te vimos faminto, ou sequioso, ou peregrino, ou nu, ou enfermo, ou no cárcere, e não te assistimos? Então lhes responderá, dizendo: Na verdade vos digo: todas as vezes que o não fizestes a um destes meus pequeninos, a mim não o fizestes. E estes irão para o suplício; e os justos para a vida eterna". (S. Mateus, XXV, 31-46).

E para tornar entre o povo mais familiar, diria, quase visível o pensamento do inferno, usa a comparação dos rebentos e da videira.

"Eu sou a videira e vós os rebentos. O que permanece em mim e eu nele, essa dá muito fruto, porque, sem mim, nada podeis fazer. Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora como rebento, e secará, e será enfaixado e o lançarão no fogo, e arderá". (S. João, XV, 5-6).

Falando, depois, dos escandalosos, o nosso bendito Salvador, de ordinário cheio de doçura e

mansidão, toma um tom terrível e os ameaça de condenação eterna.

"Aí do mundo por causa dos escândalos! Porque é necessário que sucedam escândalos; mas ai daquele homem pelo qual vem o escândalo! E, se a tua mão te escandalizar, corta-a; melhor te é entrar na vida manco, do que, tendo duas mãos, ir para o inferno, para o fogo inextinguível, onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga".

"E se o teu pé te escandaliza, corta-o; melhor te é entrar na vida eterna coxo, do que, tendo dois pés, ser lançado no inferno, num fogo inextinguível, onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga".

"E se o teu olho te escandaliza, lança-o fora; melhor te é entrar no reino de Deus sem um olho, do que tendo dois, ser lançado no fogo do inferno, onde o seu verme não morre, e o fogo não se apaga. Porque todo o homem será salgado pelo fogo, e toda vítima será salgada com sal". (S. Marcos, IX, 42-48).

Santo Tomas explica que esse verme que não morre é o remorso da consciência, que para sempre há de atormentar o condenado no inferno; remorso pelo grande bem que perdeu, ele que tinha tantos meios de se salvar.

A expressão "será salgado pelo fogo" significa que, assim como o sal conserva as coisas, assim o fogo, no qual os condenados serão imersos, ao mesmo tempo que os crucia atrozmente, os conserva sempre em vida. Aí o fogo consome, diz S. Bernardo, para conservar sempre. Neste trecho faz-se alusão manifesta aos sacrifícios legais que os hebreus tinham sempre diante dos olhos, e onde estava prescrito que se aspergisse com sal a vítima que era oferecida a Deus: na verdade, os condenados são como vítimas da divina justiça.

Eis como Jesus Cristo, prevendo os assaltos que os incrédulos e libertinos dariam ao dogma do inferno, o proclama continuamente no Evangelho. Quanto a nós, permaneçamos inabaláveis em nossa crença, certos da existência do inferno, como da existência do sol, da lua, e das outras coisas que nos rodeiam. Deus no-lo revelou e ensina por meio da Igreja, e a palavra de Deus não falha.

